



Carlos Magno Chivers Silva & Rejane de Souza Ferreira

Hierarquização e Antropoceno em Despertar, de Octavia E. Butler

Hierarchization and Anthropocene in Dawn, by Octavia E. Butler

Carlos Magno Chivers Silva ¹
Universidade Federal do Tocantins
E-mail: magno.chivers@mail.uft.edu.br

Rejane de Souza Ferreira ²
Universidade Federal do Tocantins
E-mail: rejaneferreira@uft.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2561-4581>

Resumo: Esta pesquisa se propõe a analisar a obra de Octavia Butler, *Despertar* (2018), pressupondo que visões estruturais de uma sociedade influenciam sua relação com seu próprio meio, portanto, apresentaremos as críticas sociais que a autora tece no romance e as relações dessas críticas com a ação humana no planeta. A obra provoca a reflexão sobre as hierarquias que nós estabelecemos entre os seres humanos, as demais espécies e nosso mundo, além de retratar diferentes ecologias da humanidade. A autora problematiza hierarquias sociais específicas como forma de fortalecer sua crítica à hierarquização, por meio da protagonista e de seu parceiro. Butler também nos fornece duas representações polarizadas da relação humanidade-natureza: a primeira é representada pelos humanos que se auto destruíram junto com seu habitat, e a segunda é posta através dos extraterrestres que vivem uma relação simbiótica com sua nave-mundo. Com base em autores como Andrew Plisner (2009), Alexandre Meireles (2012), Cátia Castro (2021) e Bill McKibben (1989) realizamos essa investigação da obra e constatamos que nossa sociedade está fundada em um alicerce irregular de uma hierarquização constante com eficiência de arruinar e desmoranar sua própria estrutura e também o nosso planeta.

Palavras-chave: planetariedade; distopia; fim do mundo.

¹ Discente do curso de Letras - Língua Inglesa e literaturas da Universidade Federal do Tocantins (UFT) no campus de Porto Nacional. Atualmente está no 6 período; Atuou como monitor no Centro de Estudos Continuados em Letras, linguística e Artes (CECLLA) lecionando Inglês para turmas de iniciantes nos campus de Porto Nacional (2022/2) e Palmas (2023/1); participa do projeto extensão: O Antropoceno na literatura de língua inglesa, coordenado pela professora Rejane de Souza Ferreira; E também é bolsista de iniciação científica (CNPq).

² Possui Pós-doutorado em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense, Doutorado e Mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás, nesta mesma universidade licenciou-se em Letras Português/Inglês. Teve apoio da CAPES para fazer doutorado sanduíche na University College Dublin (UCD). É professora associada de Literaturas de Língua Inglesa na Universidade Federal do Tocantins, onde também atua no Programa de Pós-Graduação em Letras. É membro dos grupos de pesquisa (CNPq) "Distopia e Contemporaneidade" e "Estudos Joyceanos no Brasil". É autora do livro *Voz e consciência narrativa: a percepção da família pela perspectiva feminina em três romances irlandeses* (2021). Seus interesses de pesquisa incidem principalmente em Irlanda, narrativas contemporâneas, relações familiares, Antropoceno e distopia.



Hierarquização e Antropoceno em Despertar, de Octavia E. Butler

Abstract: This research aims to analyze Octavia Butler's work, *Dawn* (1988), assuming that structural views of a society influence its relationship with its own environment. Therefore, we will present the social criticisms that the author weaves in the novel and the relationships of these criticisms with human action on the planet. The work provokes reflection on the hierarchies that we establish between human beings, other species and our world, in addition to portraying different ecologies of humanity. The author problematizes specific social hierarchies as a way of strengthening her critique of hierarchy, through the protagonist and her partner. Butler also provides us with two polarized representations of the humanity-nature relationship: the first is represented by the humans who self-destructed along with their habitat, and the second is presented through the extraterrestrials who live in a symbiotic relationship with their world ship. Based on authors such as Andrew Plisner (2009), Alexandre Meireles (2012), Cátia Castro (2021) and Bill McKibben (1989), we carried out this investigation of the work and found that our society is founded on an irregular foundation of constant hierarchy with the efficiency of ruining and collapsing its own structure and also our planet.

Key words: planetarity; dystopia; end of the world.

Contudo, o desastre constitui-se, também, como a ruptura da dinâmica social existente, como o desaglutinador da ordem social, ou seja, ele é a vivência de uma crise e, portanto, mostra-nos o limite de uma determinada rotina e a necessidade de construção de uma nova dinâmica social.

Mariana Siena e Norma Valencio

1. Introdução

O quanto visões comportamentais de uma sociedade podem influenciar na sua auto prosperidade? Tais percepções ficam encarceradas nas relações de seus indivíduos ou elas excedem as paredes sociais e penetram também no mundo físico? A seguir, refletimos sobre essas duas perguntas a partir da leitura da ficção científica *Despertar* (2018), de Octavia E. Butler, e as tratamos neste artigo. Para isso, iniciaremos com uma breve análise de nossa sociedade e de como ela se desenvolve hierarquicamente, postulando as complicações das relações de dominância e poder. Em seguida, nos voltaremos para o comparativo das relações das sociedades ameríndias e industriais com o planeta, uma vez que as funções sociais afetam a relação das pessoas com o mundo e tal comparativo é explorado na obra analisada. Por fim, investigaremos como a autora indica que nossa sociedade está sentenciada ao colapso por meio de críticas aos sistemas



Carlos Magno Chivers Silva & Rejane de Souza Ferreira

sociais vigentes e à hierarquização. No desenvolvimento da análise, mostraremos a base hierárquica da sociedade contemporânea e como ela se desequilibra em suas próprias relações e na relação humanidade-outro.

2. Sociedade hierárquica

Segundo Henry Fairchild, uma sociedade é um “grupo de seres humanos que cooperam na realização de vários dos seus principais interesses, que incluem invariavelmente a sua própria manutenção e preservação” (1944, p.300, tradução nossa)³. Nos mais diferentes grupos humanos de nossa espécie, residem diferentes princípios, crenças e valores que os sustentam. A sociedade ocidental contemporânea reverbera, como parte de suas crenças, a noção de que algumas pessoas são melhores que outras e que algumas coisas também são superiores a outras, podemos perceber isso de maneiras diferentes em cada fase das nossas vidas. Por exemplo, na infância rimos de colegas de sala que tiram uma nota inferior à nossa. Na adolescência, constatamos que nossos pais são subordinados aos requerimentos de seus chefes. Já na vida adulta, percebemos como a classe alta impõe sua atuação nas classes inferiores. Esses são alguns dos milhares de fatores que comprovam a hierarquização que fundamentam a sociedade ocidental contemporânea. A hierarquização, no que lhe concerne, é um fenômeno social que se manifesta em diversas esferas, desde a distribuição desigual de recursos e poder até a atribuição de valor e status a diferentes grupos e indivíduos, com base em critérios como raça, gênero, classe social e habilidades individuais. É uma característica onipresente que permeia diversos aspectos da vida social, cultural e econômica.

Uma manifestação particularmente evidente dessa tendência é a prevalência de uma cultura do *ranking*, na qual pessoas, instituições e até mesmo ideias são frequentemente classificadas e avaliadas em relação umas às outras. Cátia Castro (2021), discutindo o livro *Climate Crisis, Psychoanalysis, and Radical Ethics* (2016), de Donna

³ A group of human beings cooperating in the pursuit of several of their major interests, invariably including self-maintenance and self-perpetuation.



Hierarquização e Antropoceno em Despertar, de Octavia E. Butler

M. Orange, toma uma perspectiva da psicanálise sobre a crise climática, na qual a inveja nos faz construir uma defesa cultural massiva: a cultura do *ranking*. O texto de Castro, que também se apoia em Fuller (2003), nos dá a noção de que esta cultura é um vício de nossa sociedade de hierarquizar tudo e todos, de acordo com ambos, é necessário um *ranking* para cada um de nós, para cada coisa existente. “Para ser alguém num sistema assim, eu tenho de fazer do outro um ninguém” (CASTRO, 2021, p.210). A cultura do *ranking* tornou-se uma característica proeminente da nossa sociedade, influenciando áreas tão diversas quanto educação, esportes, entretenimento, negócios e até mesmo as interações sociais cotidianas. Em um mundo inundado de listas de melhores e piores, *rankings* de popularidade, avaliações de desempenho e competição por status, a tendência é comparar e classificar tudo. Até então, isso não seria um problema alarmante, não fosse a forma como nos portamos diante dessas coisas, principalmente com aquilo que consideramos ser inferior a nós. Agimos com indiferença e dominância diante de algo submisso, provocando um processo de objetificação, no qual o que é submisso é apenas fonte de recursos e serviços, conforme indica Lucas Petroni:

[...] tratar alguém como uma subordinada ou um subordinado social, alguém cuja identidade e agência social é publicamente definida por uma posição de subalternidade em relação a grupos superordenados, caracteriza uma situação intrinsecamente objetável (PETRONI, 2022, p.146).

Quando falamos que a cultura do *ranking* hierarquiza tudo, isso também inclui nosso próprio planeta. A nossa civilização não considera o mundo onde habitamos tão importante quanto os seres humanos, mas inferior e, portanto, submisso. Então, chegamos na nossa atual situação, na qual marcas da soberania humana se mostram irreversíveis no planeta. Em *The End of Nature*, Bill McKibben assinalou que “os nossos apetites, os nossos hábitos e os nossos desejos podem agora ser lidos em qualquer metro cúbico de ar, em qualquer subida do termómetro” (McKIBBEN, 1989, p.xix). Em outros termos, produzimos, por meio do consumo de combustíveis fósseis, multiplicação de rebanhos bovinos, desmatamentos e queimadas de grandes volumes de biomassa e por vários outros meios, muitos gases poluentes, como o dióxido de carbono, metano e ozônio, que



Carlos Magno Chivers Silva & Rejane de Souza Ferreira

bloqueiam a radiação de raios solares de escaparem do planeta. Isso produziu o que se passou a chamar de efeito estufa, que faz o planeta aquecer e desencadear as mudanças climáticas por todo o globo. Tudo isso por conta de nossos hábitos lesivos, como o de usar automóveis movidos a gasolina; pelos nossos apetites colossais, como o de ter mais e mais carne em nossos pratos; e por nossos infinitos desejos, como o de querer o aparelho celular mais moderno e atual. Agimos assim, pois inferiorizamos nosso planeta e o enxergamos apenas como matriz de riquezas. A forma como a sociedade ocidental contemporânea coabita com a natureza é totalmente danosa e está causando nossa própria extinção e a de várias outras espécies de seres vivos. Secas intermináveis, ondas de calor extremo, cidades engolidas pelo mar são alguns exemplos que foram apontados no relatório mais recente do Painel Intergovernamental Sobre Mudança do Clima (IPCC), intitulado *Mudança do Clima 2023: Relatório Síntese* (2023), e que mostra o perigo potencial das mudanças climáticas. É percebendo tal relação que nos questionamos: este é o único tipo de elo que a humanidade tem com seu planeta mãe?

Deborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro nos concedem uma visão dos ameríndios sobre a natureza e a humanidade no livro *Há mundos por vir? ensaio sobre os medos e os fins* (2014). Eles expõem que, segundo a cosmogonia desses povos, antes de tudo havia apenas pessoas e que delas se derivaram os animais, as plantas, os fenômenos naturais, etc. Isso contradiz boa parte da sociedade industrial, que é regida pelos valores cristãos. Na cosmogonia cristã, Deus criou todas as coisas, sol, mar, terra, animais, e somente no sexto dia criou o homem, afinal tudo é apenas o palco para o ator principal: o ser humano. Esse pensamento antropogênico ecoa pela sociedade industrial ainda com a mesma intensidade de quando surgiu antes de Cristo. Danowski e Viveiros de Castro concebem esse comparativo:

[...] o esquema indígena também inverte o mito do Jardim do Éden. No caso ameríndio, os humanos são os primeiros a chegar, o restante da criação procede deles. Neste caso, é como se da "costela de Adão" saísse muito mais que seu complemento feminino — sai o mundo todo, o resto infinito do mundo (DANOWSKI; CASTRO, 2014, p. 92).



Hierarquização e Antropoceno em Despertar, de Octavia E. Butler

Para os ameríndios, todos são oriundos de uma mesma espécie, todos tem essa mesma proto-humanidade originária, mesmo que em corpos diferentes e por esse motivo eles são cordiais com a natureza, sabem coexistir em harmonia com ela e não a consideram sendo subjugada ou dúctil, não cabendo, portanto, a organização hierárquica do mundo capitalista.

A ideia de se pensar a si mesmo como parte do seu meio também está presente no romance *Despertar* da trilogia *Xenogênese*, de Octavia Estelle Butler, esta narrativa é recheada de pequenas ecocríticas que conversam com situações da nossa estrutura social. Embora não aborde diretamente assuntos como a crise climática e nem explicita o estopim da guerra nuclear, o romance deixa subentendido, conforme iremos mostrar a seguir, que o fim do mundo aconteceu em consequência de uma relação dominante do homem em relação ao planeta. Andrew Plisner (2009) revela essas problematizações ecológicas de Butler. Primeiramente, ele se volta para as árvores da nave, cenário onde se passa parte da narrativa, que servem tanto como abrigo/prisão quanto como fonte alimentícia que supre todas as exigências dietéticas dos consumidores de sua produção. Também é destacada a absorção dessas mesmas árvores de recursos não utilizados, conceituando uma ideia de sustentabilidade nessa dialógica arbórea. Por fim, Plisner denuncia que os Oankali, os extraterrestres presentes na ficção, possuem uma relação de troca e simbiose com a nave. Conforme anuncia a fala de Jdahya, um Oankali:

Há uma afinidade, mas é biológica, um relacionamento forte, simbiótico. Servimos às necessidades da nave e ela serve às nossas. Ela morreria sem nós e nós ficaríamos presos a um planeta sem ela. Para nós, isso acabaria significando a morte (BUTLER, 2018, p.51).

Octavia Butler usa a imagem de uma raça avançada para denunciar a impossibilidade de uma civilização se manter ou avançar sem ter uma relação harmoniosa com o meio onde vive. Ela traz os conceitos de comunalidade de sociedades orgânicas propositalmente, sugerindo que não estamos aqui separados do nosso planeta, muito menos insubmissos, mas sim sendo iguais e fazendo parte dele. Somente assim poderemos nos desenvolver como espécie.



Carlos Magno Chivers Silva & Rejane de Souza Ferreira

Ainda refletindo sobre as diferentes relações humanidade-natureza, sabemos como as sociedades capitalistas percebem a natureza e os povos que nela residem: como tábuas lisas que precisam ser esculpidas. Os ameríndios são tidos como matéria bruta ou uma sociedade menos evoluída e, assim como a natureza, é preciso modernizá-los. Esse discurso de ser parte de um todo do planeta é considerado arcaico nas sociedades industriais, afinal o ato de consumir recursos desse todo que faz parte da sua espécie acaba por se assemelhar a antropofagia que os europeus condenaram nos autóctones ao invadirem diversos territórios no mundo, na era colonial, demarcando novos países. Tal ato é impulsionado pelo capitalismo, então, é preciso denunciar também as ascendências que o capital gerou nessa conjuntura sócio-ambiental. Isabelle Stengers (2015) esmiúça as idealizações do capitalismo em *No Tempo das Catástrofes* para acusar como as mesmas impactaram as mudanças climáticas. Ela mostra com nitidez como o sistema vigente, que almeja sempre a maior produção para o maior consumo, tem forte autoria na crise climática, afinal, todos os produtos que compramos vem de algum lugar, são recursos que, em algum momento, vieram da terra. Com o debate sobre o aquecimento global e a sustentabilidade ganhando força e destaque, o próprio sistema remodelou o discurso para direcionar a responsabilidade a cada indivíduo. Stengers aponta a ironia da situação:

“Consumam, o crescimento depende disso”, mas “Pensem em sua pegada ecológica”; “Saibam que nosso modo de vida vai ter que mudar”, mas “Não se esqueçam que estamos engajados em uma competição, e nossa prosperidade depende dela (STENGER, 2015, p.19).

É interessante observar como Stengers aponta a competição na qual estamos inseridos, pois realmente o sistema capitalista se nutre da disputa. Isso nos lembra como nossa sociedade se instaura na hierarquia, todos nós estamos em constante luta para chegar ao topo, para isso precisamos ser os melhores e conseguimos sê-lo adquirindo os últimos lançamentos do mercado. Essas relações de poder e consumismo resultam tanto nas catástrofes ambientais quanto nos conflitos entre as grandes potências. Em *Despertar*, essa situação resulta no colapso nuclear que antecipa o enredo. Aprofundaremos essa discussão a seguir.

SILVA, Carlos Magno Chivers; FERREIRA, Rejane de Souza. Hierarquização e Antropoceno em *Despertar*, de Octavia E. Butler. Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica, v. 8, n. 16, Jan.-Jun., 2024, p. 51-65.



3. Despertar: retratando a cultura do ranking

Esta distopia conta a história da segunda chance que foi concedida aos seres humanos após eles provocarem sua autodestruição com uma guerra nuclear mundial que destruiu o planeta Terra, tal como o conhecemos. A narrativa é apresentada por um narrador de terceira pessoa com foco narrativo incidindo em Lilith Iyapo, uma mulher negra de 26 anos que estudava Antropologia antes da guerra. O primeiro Oankali que ela tem contato se chama Jdahya, o qual se apresentou no último de seus sucessivos despertares e ambos permaneceram isolados o tempo necessário para ela se acostumar com a aparência repulsiva dele. Quando ela finalmente pára de temê-lo, Jdahya a leva para fora do cômodo para que ela conheça o restante da nave. É através do diálogo que eles realizam nesse momento que a reflexão sobre a estrutura hierárquica dos seres humanos aparece na obra pela primeira vez:

Vocês são inteligentes — respondeu ele.

— É a mais recente das duas características e a que vocês devem colocar para funcionar para se salvarem. Vocês são potencialmente uma das espécies mais inteligentes que encontramos, embora seu foco seja diferente do nosso. Ainda assim, vocês começaram bem com as ciências da vida, e mesmo a genética.

— Qual a segunda característica?

— Vocês são hierárquicos. Essa é a característica mais antiga e mais arraigada. Nós a observamos nos animais mais próximos de vocês e nos mais distantes. É uma característica terrestre. Quando a inteligência humana foi colocada a serviço dessa característica em vez de guiá-la, quando a inteligência humana não a reconheceu como um problema, mas se orgulhou dela ou simplesmente não a percebeu... — Aquele ruído soou novamente. — Foi como ignorar o câncer. Acho que seu povo não percebeu que coisa perigosa estava fazendo (BUTLER, 2018, p. 57).

Somos levados a repensar a nossa sociedade, a partir da crítica anunciada por Jdahya, pois a mesma não se concebe sem hierarquias e poderá se autocolapsar se não percebermos o perigo desses padrões. Como já mencionamos, a cultura do *ranking* tem um potencial letal em nossa sociedade e é justamente isso que Butler coloca em sua obra, que em um futuro não muito distante sucumbiremos se não nos atentarmos aos perigos dessa característica, até mesmo no título do volume conseguimos perceber isso, tanto no original quanto na tradução. “*Dawn*”, que remete ao alvorecer e ao despertar, nos faz



Carlos Magno Chivers Silva & Rejane de Souza Ferreira

questionar: "despertar do quê?". Em primeira instância, somos inclinados a pensar sobre como a protagonista e os humanos da nave precisam despertar de um sono de 250 anos. Mas, após analisarmos o âmago desse discurso, concluimos que a autora promove a ideia de despertar de nosso contexto social e hierárquico. O excerto mostra a crença da própria autora quanto a este assunto, Butler acreditava que a hierarquização ultrapassa nossa condição de seres sociais para atingir o nível de nossa natureza como espécie terrena. Em entrevista com a escritora norte americana, Susan Palwick, ela esclarece e argumenta os motivos de tal pensamento como podemos ver no seguinte trecho da entrevista:

Octavia Butler: Foi sobre isso que falei em *Xenogênese*, a ideia de que os humanos têm essas duas características principais, inteligência e comportamento hierárquico, e o comportamento hierárquico é a característica mais antiga, desde as algas, e possivelmente mais, e tende a estar no comando quando não estamos prestando atenção, então fica muito mais fácil pisar ansiosamente em quem está na moda pisar esta semana (PALWICK, 1999, p. 153, tradução nossa).⁴

Percebemos, portanto, que Butler admite sua intenção de criticar a organização social predominante no mundo, além do aprofundamento de sua tese. A autora utiliza a expressão “comportamento hierárquico” para elucidar que sua crítica se volta para tal fenômeno. Sobre a construção das hierarquias sociais, Márcio Aguiar (2007) constata a necessidade de critérios como classe, raça, gênero, etnia, sexualidade, religião, e vários outros aspectos. O indivíduo que se encontra no topo de todas essas hierarquias é o homem, branco, rico, hétero, europeu e cristão. Portanto, quanto menos dessas características um indivíduo possuir, mais embaixo na classificação social ele se encontrará. Com isso em mente, podemos discutir as hierarquias complexificadas na distopia partindo da protagonista, Lilith.

Na terceira parte do livro, intitulada "Pré-escola", Lilith desperta alguns humanos para iniciar os planos dos Oankali de repovoar a Terra. Ela precisa treinar essas pessoas

⁴ We realize that intellectually, not emotionally. This is what I kind of talked about in *Xenogenesis*, the idea that humans have these two major characteristics, intelligence and hierarchical behavior, and hierarchical behavior is the older characteristic, all the way back to algae, and possibly further, and it tends to be in charge when we're not paying attention, so it becomes so much easier to eagerly stomp on whomever it's fashionable to stomp on this week.



Hierarquização e Antropoceno em Despertar, de Octavia E. Butler

para estarem preparadas para o retorno, o que incumbe uma posição de liderança à mesma. Porém, nem todas a respeitam. Iniciando por Jean, uma mulher que agrediu Lilith exigindo carne, sendo que ela já havia sido alertada dessa impossibilidade, pois os Oankali não consumiam esse tipo de alimento. Os motins organizados no salão da nave e no campo de treinamento, também são motivados pela falta de consideração que ela não consegue obter de seu grupo. O motivo por trás da desconsideração destinada a Lilith pode não estar explícito, mas está enraizado no racismo e no machismo. Talvez os personagens realizaram isso de forma inconsciente, assim como em alguns casos em nossa sociedade, mas está subentendido que uma mulher negra no comando incomodou boa parte do grupo humano, principalmente os homens da tripulação. Por mais de quatro séculos, pessoas negras africanas foram escravizadas com a justificativa de que eram inferiores às pessoas brancas europeias e, mesmo após a escravidão ser abolida, pessoas negras ainda são marginalizadas. A inferioridade atribuída a essas pessoas está tão fixa nesse contexto social que o desrespeito se torna tácito.

Despertar é um clássico do afrofuturismo norte americano, por suas discussões precisas sobre nossos déficits como sociedade e, principalmente, por suas diversas representações, como a que recai sobre Lilith. Alexander Meireles (2012) nos adverte que o nome da protagonista não é ocasional, Butler remodela a personagem do folclore hebraico-cristão para a inserir em sua narrativa. Na mitologia cristã, Lilith foi a primeira mulher de Adão e, por não acreditar ser inferior a ele, foi expulsa do Éden, tornando-se mãe de todos os seres maléficos que atormentam a humanidade. A imagem dela, assim como a de todas as mulheres, é marcada por duas faces: a vida e a morte; o começo e o fim; portanto, a mãe que é capaz de gerar é a mesma que pode destruir. Por muitos séculos isso foi visto como uma dualidade perigosa e indomável, refletindo o temor da sociedade patriarcal em relação ao poder feminino. Contudo, Octavia E. Butler, ressignifica essa imagem ao transformar Lilith em uma figura de força, resistência e transformação. Ela potencializa sua crítica feminista ao criar uma protagonista negra, quebrando as normativas androcêntricas brancas da sociedade ocidental. A autora homogeneiza a diáspora africana para toda a humanidade, os demais personagens que são

SILVA, Carlos Magno Chivers; FERREIRA, Rejane de Souza. Hierarquização e Antropoceno em *Despertar*, de Octavia E. Butler. Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica, v. 8, n. 16, Jan.-Jun., 2024, p. 51-65.



Carlos Magno Chivers Silva & Rejane de Souza Ferreira

de diferentes raças se equivalem aos escravos em navegação. Plisner (2009) ainda soma nesse debate nos mostrando que o navio (*ship*) agora é a nave (*ship*) e a escravidão agora é genética. Assim, a romancista elabora uma alegoria com representações e releituras que elevam a problematização dos critérios hierárquicos de gênero e raça para um âmbito sublime.

Afastando-se um pouco da protagonista, vislumbramos outros critérios complexificados sobre a atuação dos humanos da narrativa, como a etnia e a sexualidade de Joseph, o humano que forma par com Lilith, por exemplo. Joseph nasceu em Hong Kong, ele possuía traços asiáticos que serviram de fator impulsionador para xenofobia. Ainda na terceira parte, o oankali Nikanj alerta Lilith sobre organizações que estão se levantando não só contra ela, mas também contra seu parceiro, como vemos no trecho:

[...] há dois humanos do sexo masculino falando mal dele, tentando fazer os outros se voltarem contra ele. Um deles decidiu que ele é algo chamado viadinho e o outro não gosta do formato dos olhos dele (BUTLER, 2018, p. 217).

Por este fragmento, percebemos que Joseph é alvo de xenofobia e homofobia por tais integrantes do grupo. Ele incomoda especialmente Curt desde o momento em que ambos despertam. Algo interessante que acontece nesse despertar é que assim que recobram a consciência, ambos demonstram preocupação com a hierarquia social na qual possam estar inseridos, questionando quem está no poder. No entanto, Curt, que antes da guerra foi policial em Nova York e provavelmente era branco e americano, reage de maneira hostil ao sotaque de Joseph. Seu olhar fuzilara o asiático, em uma reação xenofóbica, ao perceber o sotaque alheio. Apesar disso, Curt manteve-se indiferente a Joseph até o momento em que ele o viu se regenerando após um conflito, no qual Joseph saiu ferido. Curt o ataca repetidamente até quase decapitar sua cabeça, resultando em sua morte. O motivo que impulsionou Curt foi o medo de Joseph não ser humano. Isso nos leva a refletir sobre a natureza humana e como ela é xenofóbica, o ser humano está condicionado a condenar e estranhar um igual que possui uma ou outra característica diferente; e a matar aquilo que é diferente dele.



Hierarquização e Antropoceno em Despertar, de Octavia E. Butler

O demonstrativo da xenofobia vai além e se manifesta até mesmo na protagonista. Ao saber do futuro da humanidade, que será mesclada com a raça Oankali, ela se apavora intensamente. Observamos isso num diálogo que ela estabelece com Jdahya:

- O que será feito de nós? Nossas crianças serão o quê?
— Diferentes, como eu disse. Não completamente parecidos com você. Um pouco parecidos conosco.
Ela pensou em seu filho, como ele tinha sido parecido com ela e com o pai. Então, pensou em grotescas crianças Medusa.
— Não! — disse ela. — Não. Não me importo que apliquem o que já aprenderam em vocês, mas nos deixem fora disso. (BUTLER, 2018, p. 61)

A sobrevivência da humanidade está condicionada ao surgimento de seres híbridos humano-oankali. Os humanos encaram isso como sendo similar a extinção completa de sua raça, devido ao olhar de repúdio ao outro, ao que é diferente. A composição em volta da xenofobia que Butler tece multiplica o vigor das críticas sobre os critérios hierárquicos, uma vez que ela determina uma posição subalterna ao outro.

Assim, temos nas hierarquias, um potencial destrutivo que é ativado com a inteligência. Quando a autora traz a comparação da forma como estamos estruturados socialmente, e indiretamente como estamos habitando o planeta, com a negligência do câncer, ela expõe como isso corrói nossa sociedade de dentro para fora e materializa o fim de nossa espécie. Na obra, Butler representa o ponto ápice da catástrofe da hierarquia através de uma guerra nuclear mundial, que o mundo todo estava na iminência de vivenciar durante a Guerra Fria, período no qual a autora escreveu e publicou *Despertar*. Atualmente, estamos em uma outra guerra, silenciosa e lenta, sem prenúncios de uma guerra mundial capaz de destruir de uma só vez o planeta que conhecemos. Vivemos quase que individualmente a guerra da sobrevivência a um mundo que permanece hierárquico e que as pessoas em maior desvantagem enfrentam primeiro o apocalipse de suas vidas.

4. Considerações finais



Carlos Magno Chivers Silva & Rejane de Souza Ferreira

Seja raça, gênero, etnia ou sexualidade, cada um desses critérios ruma nossa sociedade para um fim nada agradável. Para sermos mais exatos, é o próprio ato viciante de se colocar um abaixo do outro que invoca o fim do mundo que conhecemos e que já está acontecendo lentamente através da crise climática irreversível que estamos vivenciando, por exemplo. A disputa pelo poder instaura uma corrida sem fim para um prêmio de aniquilação global junto ao capitalismo, além da visão insubmissa ao nosso planeta. Ela é ampliada por nosso sistema econômico em seu próprio funcionamento, onde são fixadas classes que vão determinar por quais locais tal indivíduo irá frequentar, quais alimentos ele irá consumir ou quais roupas ele vai vestir. As classes mais altas sempre irão frequentar os melhores lugares, consumir os melhores alimentos e vestir as melhores roupas, isso tudo porque acreditam ter batalhado por isso. Então, o discurso do sistema é: "trabalhe e produza o máximo que conseguir para que você viva melhor também". Todavia, o lugar no topo é limitado, pois as classes altas só se mantêm lá pelo fato de explorarem os recursos produzidos pelas classes inferiores que estão na base. O discurso ainda se agrava: "seja melhor que os outros, ultrapasse-os, dribale-os para que você viva melhor". Desse modo, qualidade de vida nesse sistema está condicionada a sua posição em uma hierarquia. Logo, ficamos constantemente nos mensurando uns aos outros e a cultura do *ranking* se agrava, pois muitas vezes nossa sobrevivência depende disso.

Entendemos que Octavia Butler ao problematizar as hierarquias em *Despertar* também problematiza o capitalismo, pois provoca reflexões sobre a conduta da nossa organização como espécie e sobre como ela é plural e complexa nas instâncias do funcionamento das diferentes sociedades humanas. A cultura do *ranking* é potencialmente trabalhada dentro da obra, pois a mesma problematiza como a humanidade se deixa dominar pela hierarquização ao invés de controlá-la. Parte dessa disfuncionalidade, que se lê inicialmente na relação humano-humano, dirige-se também para as relações humanidade-outro ou humanidade-natureza e a autora igualmente postula isso em sua obra. Conforme apresentamos em "Sociedade Hierárquica", a relação da espécie humana com a natureza não é singular, há diferentes sociedades humanas que se



Hierarquização e Antropoceno em Despertar, de Octavia E. Butler

relacionam de formas diferentes com o meio ambiente. É possível refletir na obra de Octavia Butler a retratação de duas visões: a visão de posse ainda pertence à humanidade, o que fez com que a mesma se auto-aniquilasse; e a visão de comunalidade com o meio é representada na espécie Oankali. O cerne que envolve a nossa relação com o outro e que pode ou não ser saudável, é o mesmo cerne que se desenvolve as relações de poder e dominância e são nelas que encontraremos a manivela que abre e fecha a janela do futuro para nossa espécie.

Referencias

AGUIAR, Márcio Mucedula et al. A construção das hierarquias sociais: classe, raça, gênero e etnicidade. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, Uberlândia: s.e., v. 36, n. 37, p. 83-88, 2007. Disponível em:

<https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/NEAB/AGUIAR-%20MARCIO.%20A%20construcao%20das%20hierarquias%20sociais%20classe-%20raca-%20genero%20e%20etnicidade.pdf>. Acesso: 28 nov. 2024.

BUTLER, Octavia E. *Despertar*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Morro Branco, 2018.

CASTRO, Cátia. Extravasámos os limites do Planeta como sistema vivo e interconectado. Pensar a Psicanálise e a Acção Climática através de Donna M. Orange. *Revista Psirelacional*, Lisboa, n. 1, p. 203-215, mar. 2021. Disponível em:

<https://revistapsirelacional.pt/wp-content/uploads/2021/03/catia-castro-revista-psirelacional-n1-marco-2021.pdf>. Acesso: 28 nov. 2024.

DA SILVA, Alexander Meireles. A redenção de Lilith: o corpo feminino como estratégia transgressora na ficção de Octavia E. Butler. *REDISCO—Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo*, Vitória da Conquista, v. 2, n. 2, 2012. Disponível em:

[https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2657#:~:text=Baseado%20na%20an%C3%A1lise%20dos%20romances%20Dawn%20%281986%29%20e,parte%20do%20discurso%20feminino%20pós-moderno%20contra%20o%20patriarcado](https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2657#:~:text=Baseado%20na%20an%C3%A1lise%20dos%20romances%20Dawn%20%281986%29%20e,parte%20do%20discurso%20feminino%20pós-moderno%20contra%20o%20patriarcado.). Acesso: 28 nov. 2024.

BUTLER, Octavia Estelle, *Dawn*. Londres: Gollancz, 1988.

FAIRCHILD, Henry Pratt. *Dictionary of Sociology*. Nova York: Philosophical Library, 1944.

SILVA, Carlos Magno Chivers; FERREIRA, Rejane de Souza. Hierarquização e Antropoceno em *Despertar*, de Octavia E. Butler. *Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica*, v. 8, n. 16, Jan.-Jun., 2024, p. 51-65.



Carlos Magno Chivers Silva & Rejane de Souza Ferreira

MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 2015.

McKIBBEN, Bill. *The End of Nature*. Nova York: Random House, 1989.

PAINEL INTERGOVERNAMENTAL SOBRE MUDANÇA DO CLIMA (IPCC) *Mudança do Clima 2023 Relatório Síntese Um Relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima*. (n.d.). Disponível em: https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/sirene/publicacoes/relatorios-do-ipcc/arquivos/pdf/copy_of_IPCC_Longer_Report_2023_Portugues.pdf. Acesso: 25 nov. 2024.

PALWICK, Susan; BUTLER, Octavia. Imagining a sustainable way of life: an interview with Octavia Butler. *Interdisciplinary Studies in Literature and Environment*, v. 6, n. 2, p. 149-158, 1999. Disponível em: <https://academic.oup.com/isle/article/6/2/149/654078>. Acesso: 28 nov. 2024.

PETRONI, Lucas. Igualdade como não subordinação. Lua Nova: *Revista de Cultura e Política*, 117, p. 127-168, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/mQjQH3tj9zXfnQ3pd45my4s/>. Acesso: 28 nov. 2024.

PLISNER, Andrew. Arboreal dialogics: an ecocritical exploration of Octavia Butler's Dawn. *African Identities*, v. 7, n. 2, p. 145-159, 2009. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/14725840902808819?needAccess=true>. Acesso: 28 nov. 2024.

SIENA, Mariana; VALENCIO, Norma. Gênero e desastres: uma perspectiva brasileira sobre o tema. In: SIENA, Mariana; VALENCIO, Norma; MARCHEZINI, Victor; GONÇALVES, Juliano Costa. *Sociologia dos Desastres*. São Carlos: RiMa, 2009.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; DANOWSKI, Déborah. *Há mundo por vir?* Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014.

Recebido em: 14/11/2024.

Aceito em: 23/12/2024

SILVA, Carlos Magno Chivers; FERREIRA, Rejane de Souza. Hierarquização e Antropoceno em Despertar, de Octavia E. Butler. *Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica*, v. 8, n. 16, Jan.-Jun., 2024, p. 51-65.